

A LINGUAGEM COMO UM FATO SOCIAL: UMA CONCEPÇÃO DE LEGITIMIDADE

LANGUAGE AS A SOCIAL FACT: A CONCEPTION OF LEGITIMACY

Ana Cristina Oliveira SILVA

anna.tininha@hotmail.com

Rede Estadual de Ensino, Ceará, Brasil

Resumo: Este artigo trata da noção de língua como um fato social e de sua reelaboração empreendida por Ferdinand Saussure e Mikhail Bakhtin. O presente trabalho tem por objetivo apresentar concepções básicas sobre língua/linguagem. Para tanto, serão apresentados estudos saussurianos no que tange à língua enquanto sistema de signos, bem como ideais de Bakhtin que visam a língua como uma atividade social. A fim de apresentar avanços acerca desse estudo, serão estabelecidos contrapontos entre os autores supracitados. Para tanto há pautas sobre as contribuições do estudo da sociolinguística para o ensino de língua, tendo em vista o viés da interação. Por fim, faremos um paralelo na defesa da tese, com o autor William Labov (2008), que falará sobre estudo de língua considerando as variedades linguísticas, a estruturação, organização e reconhecimento dessa área como campo específico de estudo da linguagem.

Palavras-chave: Língua; Atividade social; Saussure; Bakhtin; William Labov.

Abstract: This article deals with the notion of language as a social fact and its reworking undertaken by Ferdinand Saussure and Mikhail Bakhtin. This work aims to present basic concepts about langue/language. To this end, Saussurian studies will be presented regarding language as a system of signs, as well as Bakhtin's ideals that aim at language as a social activity. In order to present advances about this study, counterpoints will be established between the aforementioned authors. For that, there are guidelines on the contributions of the study of sociolinguistics to language teaching, in view of the interaction bias. Finally, a parallel will be made in the defense of the thesis, with the author William Labov (2008), who will talk about language study (gem) considering the linguistic varieties, the structuring, organization and recognition of this area as a specific field of study of language.

Keywords: Language; Social activity; Saussure; Bakhtin; William Labov.

INTRODUÇÃO

A linguagem sempre esteve presente durante toda a história da humanidade, sendo um referencial para estabelecer comunicações interacionais entre as pessoas. A linguagem é parte inerente da vida do ser humano, no qual este organiza seu pensamento de forma a expressar o seu discurso oral ou escrito. Dessa forma, o objetivo desse estudo é trazer para a atualidade o tratamento dado à especificidade da língua a partir da noção de linguagem adotada pelo pai da linguística Ferdinand de Saussure e Mikhail Bakhtin e outros citados aqui. Assim, esses teóricos enfatizam a importância da interação e da cultura histórico-social para a constituição dos sentidos pelos indivíduos.

Desse modo, neste ensaio serão apresentados avanços que emergiram a partir dos postulados saussureanos. Nessa vertente, Bakhtin é apresentado como autor contemporâneo de Saussure, que contrapôs da ideia de língua enquanto sistema estável, desvinculado de valores ideológicos. Sua concepção de língua é apresentada como uma atividade social fundada nas necessidades de comunicação. Nesse sentido, Bakhtin divulga uma possível mudança de paradigma que, mais à frente do seu tempo, é aceita como proposta para tornar o ensino de língua uma ação articulada, contextualizada.

AS RELAÇÕES ENTRE LÍNGUA, LINGUAGEM E SOCIEDADE

As relações entre língua, linguagem e sociedade estão entrelaçadas entre si quase numa mesma conceituação. Visto que, língua e linguagem são consideradas para alguns linguistas, como fenômenos essencialmente vastos e indeterminados, a correlação entre eles é de extrema importância, pois a “língua” é uma das maneiras que o ser humano usa para se relacionar com outros através da linguagem. O termo “linguagem” é a capacidade humana de comunicação, que pode expressar-se de várias formas. Um exemplo disso é a forma de expressão dos animais, o braile, sinais de trânsito etc. Assim, compreendemos que, a linguagem é uma manifestação cultural e social, ou seja, os padrões de comportamento, costumes e suas crenças, fazem parte de uma comunidade em comum acordo. Desse modo, entendemos que a linguagem é um conceito muito amplo, abrange muitas das diferentes línguas de um povo e suas representações.

Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; um cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE, 2004, p. 17).

Nessa conceituação, podemos perceber que as relações entre linguagem e sociedade são de fundamental importância. Mais do que isso, são consideradas como fator determinante do meio, ou seja, o uso intensivo da sua forma de expressão modifica os modos de uma sociedade consagrando

certos padrões ou normas aceitáveis para que haja a comunicação. Quanto a esses pressupostos, parece-me que Kock¹ (1997) se posiciona em relação à linguagem como:

A linguagem é atividade. É forma de ação entre indivíduos orientada para finalidade, é lugar de interação que possibilita aos membros da sociedade a prática dos mais diversos tipos de atos, que vão exigir dos semelhantes reações e/ou comportamentos, levando ao estabelecimento de vínculos e compromissos anteriores existentes. (Kock, 1997 p.09).

Ou seja, a principal função da linguagem é a interação do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o meio no qual está inserido. Desse modo, concebemos a linguagem como uma parte integrante de um povo que se constrói junto com o seu olhar sobre o que é mundo, as suas crenças, seus pensamentos, sua história, e nesse envolvimento, o homem edifica e busca sentido ao próprio ego e torna-se capaz de compreender diversos fenômenos dentro da própria língua que o constitui.

Na linguística estrutural, o estudioso Ferdinand de Saussure² em seu Curso de Linguística Geral, publicado em 1916, focou em um aspecto muito importante com base em seus estudos, a definição de língua como objeto de estudo. Saussure afirma que dentro da língua ocorrem manifestações da linguagem humana e que para ele, a linguagem se divide em duas partes: língua (*langue*) considerada essencial e fala (*parole*) como secundária. O primeiro termo é considerado como sistema de signos linguísticos que contém estruturas de valor funcional e o segundo como ato individual de caráter infinito e variabilidade que funciona através do pensamento.

A partir desses pressupostos, Saussure considera a língua como um sistema formado pela união do significante e o significado. O primeiro refere-se à imagem acústica, a impressão do objeto em nossa mente. O segundo refere-se ao sentido, conceito de algo. Assim, define o autor em referência aos elementos “são interdependentes, um coexiste em relação ao outro” (SAUSSURE, 2001 p. 80). Nesse intuito, o linguista já conseguia estabelecer com precisão, um objeto para progredir com seus estudos linguísticos.

Para o linguista, a união desses princípios chama-se arbitrariedade, ou seja, a relação entre o sentido e a imagem acústica não tem nenhum laço de realidade. Exemplificando esta ideia, o autor nos mostra a relação entre línguas, demonstrando que a variabilidade do significado pode reproduzir inúmeros significantes. Ou seja:

¹ Linguista brasileira, atualmente é professora da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. Koch possui graduação em Letras - Português Literatura pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Castro Alves (1974), graduação em Ciências Jurídicas e Sociais pela Universidade de São Paulo (1956), mestrado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1977), doutorado em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1981), e fez seu pós-doutorado na Pós-Doutorado Universität Tübingen, Alemanha.

² Pai da linguística estrutural assim considerado por muitos teóricos.

De um lado, o conceito nos aparece como a contraparte da imagem auditiva no interior do signo, e, de outro, este mesmo signo, isto é, a relação que une seus dois elementos, é também, e de igual modo, a contraparte dos outros signos da língua (...). A língua é um sistema em que os termos são solidários e o valor de uma resulta tão somente da presença simultânea de outros (Saussure, 2001 [1916] p.133).

Baseado nessas concepções de língua, compreendemos que a linguagem é capaz de descrever o mundo representando conceitos. Nesse intuito, Saussure admite que a língua seja um “fato social”, de modo que é um sistema adquirido por indivíduos em convívio, ou seja, a linguagem humana é usada como um sistema de valores em uma sociedade, portanto é fundamental a sua importância nas relações sociocomunicativas no estabelecimento e na assimilação de uma competência oral e escrita.

Entretanto, a teoria contemporânea do linguista Mikhail Bakhtin³ defende a ideia de Saussure em que a língua é fundada socialmente e acredita que todas as esferas de atividade humana têm correlação com a língua em si, assim como as suas inúmeras variações. Mas, Bakhtin critica a forma em que a língua é tratada como regras, apenas como um sistema. O contemporâneo enxerga muito além do que um simples processo, ele a define como “meio de interação mediado pelo diálogo”. A língua é apresentada por Bakhtin não como objeto abstrato, todavia como atividade social, fundada nas necessidades de comunicação, assim, a natureza da língua seria essencialmente dialógica (MACÊDO, 2009).

A SOCIOLINGÜÍSTICA E VARIEDADE LINGÜÍSTICA COMO MATERIALIZAÇÃO DO DIÁLOGO COTIDIANO.

William Labov⁴ foi o criador desse modelo teórico-metodológico: a Sociolinguística, que consiste em uma ciência da linguagem social que estuda a coexistência de variantes linguísticas e suas probabilidades de uso. Esse modelo de análise linguística trabalha com números e estatística dos dados coletados e sua principal característica, em contraposição ao modelo gerativista de Noam Chomsky.

A partir dos anos de 1950, a Teoria da Variação foi desenvolvida com o método proposto por William Labov. Em seus estudos, ele mostra que é por meio do processo de comunicação que os indivíduos adquirem sua identidade, cultura etc. “Ao nascer o indivíduo é inserido em um contexto socioeconômico cultural pré-existente, e à medida que cresce, participa de um processo de socialização que o transforma num falante de uma determinada variedade da língua, sob influência do meio social” (LABOV, 2008)⁵.

3 Filósofo e pensador russo, teórico da cultura europeia e as artes. Bakhtin foi um verdadeiro pesquisador da linguagem humana.

4 William Labov é professor de linguística na University of Pennsylvania. Desenvolve pesquisas nas áreas de sociolinguística, variação e mudança linguísticas e dialetologia.

5 Grifos meus.

Tendo em vista outras dimensões que compreendem a língua, a teoria da variação linguística⁶ trouxe uma importante contribuição em relação à mudança ao longo do tempo e suas variações. Desde já entendemos que, dentro de uma comunidade linguística, as expressões de seus pensamentos correspondem a um conjunto de falares diferentes, as suas crenças e seu modo de encarar a realidade. Isto explica o fato de que, os falantes de um grupo social exibem sempre variações em sua língua, ou seja, os fatores extralinguísticos influenciam no interior da linguagem em um meio. Com isso, observamos que o repertório linguístico de cada indivíduo constitui uma enorme variedade distinta, tais aspectos são relacionados como a idade, sexo, contexto social e a pronúncia de algumas palavras que variam de região para região.

Desse modo, os falantes de uma língua adquirem alguns tipos de “falares” próprio de sua região, de sua classe social etc. Daí pode-se afirmar que, a esses tipos de variações têm sido objeto de estudo da contemporaneidade onde vários linguistas se agruparam e formaram uma ciência a Sociolinguística. Quanto ao seu conceito pode-se afirmar que “a sociolinguística é uma área que estuda a língua em seu uso real, levando em consideração as relações entre a estrutura, aspectos culturais e sociais da produção linguística.” (Alkimim, 2005)⁷

As variações linguísticas ocorrem na elaboração da linguagem, ou seja, os falantes próprios de uma língua a modifica no modo em que se situam. Leva em conta a forma em que é transmitida de emissor para receptor, faixa etária, profissão etc., sendo eles os causadores de todo tipo de variação. Nesse aspecto, a autora foca nesses tipos de variedades linguísticas onde acarretam um tipo de influência um sobre uma forma e outra. Um exemplo disso é o falar urbano e rural, onde este, na maioria das vezes é ridicularizado entre grupos da sociedade. Em inúmeras ocasiões já percebemos, ou até às vezes presenciamos ou participamos desse tipo de diversidade. Numa conversação comum, num debate, na sala de aula dentre outras instâncias, há sempre uma forma diferente em que é transmitida a linguagem.

Como já foi dito, em uma comunidade linguística, podemos observar as variedades de prestígio e as variedades não prestigiadas. A primeira refere-se à norma padrão intitulada como a formalidade da língua. A segunda é considerada como não padrão, o uso “inadequado”, ou melhor, a forma “errada da língua”. A norma culta dentro de uma comunidade não faz crer que seja a língua original, posta entre os falantes. O que chamamos de língua de prestígio, “é o estabelecimento de um conjunto de normas que definem o modo correto de falar” (Alkimim, op.cit).

⁶ As variedades linguísticas encontradas aqui nessa discussão são as formas de falar que possuem relevância tanto no léxico como na morfossintaxe e fonologia.

⁷ Tânia Maria Alkimim é pós-doutorada pela Centre National de la Recherche Scientifique(1997). Atualmente é Professor Associado - MS5 da Universidade Estadual de Campinas.Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Sociolinguística e Dialetologia.

A existência de uma norma padrão ou não padrão define o modo de falar de um povo em que correspondem aos processos habituais linguísticos que esse grupo domina. Isto significa que, em muitas sociedades a norma padronizada representa a língua falada entre classes sociais altas, que mantém um poder aquisitivo e boa educação melhor do que aqueles menos favorecidos. O comportamento da sociedade e da mídia diante desses tipos de diferenças linguísticas torna-se particularmente intolerável a qualquer tipo de “erro” observável diante de construções gramaticais e do uso de vocábulos “desagradáveis” diante de qualquer situação.

Desse modo, compreendemos que a variedade da linguagem muitas vezes é sofrida a preconceitos absurdos em um meio social. Segundo o autor Marcos Bagno⁸ (1999) autor de várias referências à língua, afirma que a esse tipo de preconceito surge através da ideia de que só existe uma língua portuguesa a ser falada e a ser seguida como regras, o ensinado na escola, a gramática normativa é o que prevalece. Apesar de que é importante que se siga uma norma padrão sobre a escrita, mas é a mesma que serve de exclusão social, pois o não reconhecimento de que a língua ela varia ao longo tempo, ela passa a ser um meio de distinção de classe social.

É importante frisar também que a questão cultural também influencia nesse processo de convicções acerca da linguagem. As variedades possíveis na língua portuguesa estão em constante modificação, ou seja, o fato de que a influência de outras palavras ao nosso idioma está cada vez mais presente isso quer dizer que o preconceito com o nosso próprio idioma estão se tornando cada vez maior em relação a nossa educação. Com isso, a intensidade em que esses vocábulos estão sendo utilizados é um reflexo do avanço da nossa língua em geral. A essa razão, surge o chamado prestígio social da língua, ou seja, a norma culta ou padrão da escrita.

Desse modo, o autor ainda nos revela que a língua falada é a língua aprendida na convivência com a família e a comunidade. Porém, ao observamos as diferentes práticas sociais, o fato da discriminação linguística é vista como punição para com aqueles que sofrem. Uma explicação necessária para acontecer esse tipo de preconceito é o fato de que, na maioria das vezes, o brasileiro tem dificuldade de utilizar a norma padrão da língua, porque ela está muito distante da sua realidade.

Não podemos chamar de “erro linguístico”, a forma em que a linguagem é usada, pois ela é entendida e utilizada pela maior parte da população. Não existe o certo e o errado. O que existe é o contexto em que o indivíduo está inserido e a forma de expressão utilizada. Desse modo, vimos que essa distinção entre linguagem padrão ou de prestígio, o irá avançar ainda mais e em maior proporção enquanto os gramáticos se recusarem a aceitar as diferentes variações em nosso meio.

⁸ Marcos Bagno é professor da Universidade de Brasília (UnB) e pesquisador associado do Instituto da Língua Galega, da Universidade de Santiago de Compostela. Escritor, poeta e tradutor, se dedica à pesquisa e à ação no campo da educação linguística, com interesse particular no impacto da sociolinguística sobre o ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a língua é considerada reflexo da cultura e determinante de formas de pensamento, consideramos neste artigo que o homem aprende a ver o mundo pelos discursos que assimila e, na maior parte das vezes, reproduz esses discursos em sua fala.

Em virtude de tudo que foi discutido, considera-se que as relações sociais constituem pessoas a seus grupos. Os comportamentos linguísticos de uma comunidade nascem da vivência do cotidiano em coletividade. A partir dessas situações, originam-se as práticas comunicativas e a formação do indivíduo. Para muitos teóricos a associação entre língua e sociedade, os valores de um povo, sua cultura se manifesta através da linguagem, formando um instrumento de comunicação e de emoção.

É fundamental compreender que, em nossa sociedade, considerando a história que constitui cada indivíduo possui, os processos linguísticos e suas variações devem ser considerados importantes para a construção de uma língua. Sabemos que as desigualdades sociais e econômicas dominam, devemos buscar uma solução para esse conflito, neutralizando o preconceito linguístico existente entre as classes. Trata-se de respeitar a cultura, a história e língua de um povo que faz parte de uma sociedade geral.

REFERÊNCIAS

ALKMIM, Tania Maria. Sociolinguística. In: Mussalim, Fernanda; BENTE, Anna Christina (Org). Introdução a linguística: domínios e fronteiras. São Paulo; Cortez, 2005, v1.

BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara F. Vieira. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: O que é, como se faz. Ed. Loyola. 1999.

CALVET, Louis- Jean, Sociolinguística: Uma introdução crítica Tradução: Marcos Marcionilo. São Paulo, Parábola, 2002.

KOCK, Ingredore Villaça. A interação pela linguagem. São Paulo, Contexto, 1997.

LABOV, William. Padrões sociolinguísticos / William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. -São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

MACÊDO, Wilza Karla Leão de. Por Saussure E Bakhtin: Concepções Sobre Língua/Linguagem. Disponível em: <http://www.uesc.br/eventos/iconlireanais/iconlire_anais/anais-53.pdf> Acesso em 25/04/2023 às 20:34

SAUSSURE, F. De. Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 2001. Escritos de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 2004.